

PEREIRA, Henrique Manuel

*Salazar já cá veio? Padre Américo: um rascunho, três cartazes, cinco poemas*

1a ed. Porto: Alforria, 2020. 94 p. ISBN 978-989-99914-7-7

LUÍS LEAL

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2021.10400>

Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0002-9938-2939>

Henrique Manuel Pereira é Professor Auxiliar na Escola das Artes e no Instituto de Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa. Mas, paralelamente à sua atividade académica, tem desenvolvido, nos últimos anos, um intenso e dedicado trabalho de recolha, compilação, organização e publicação de textos, mais ou menos desconhecidos, alguns mesmo inéditos, referentes à história da Obra da Rua/Casa do Gaiato e, em particular, àqueles que são os seus “nomes maiores”. Aqui se inscrevem quer os volumes dedicados ao padre Telmo Ferraz, fundador da Casa do Gaiato de Malange (Angola) – *Telmo Ferraz: Uma vida, tantas vidas!* (2013); *O homem que do lodo fez estrelas - Telmo Ferraz* (2017); *No tempo e na eternidade. Caminhos com Telmo Ferraz* (2019) – quer os que têm como “protagonista” o padre António Baptista dos Santos, primeiro Diretor do “Calvário” de Beire (Paredes) – *À volta de Padre Baptista. Entrevista por Henrique Manuel Pereira* (2017) e *Padre Baptista. Alma, corpo, mãos e coração de ‘O Calvário’* (2019), todos profundamente reveladores da sua afeição àquelas personagens e à Obra da Rua. Além destes, contam-se ainda alguns volumes dedicados expressamente à figura de “Padre-Pai” Américo [Monteiro de Aguiar], como que registando, sublinhando ou trazendo à colação outros tantos textos (da autoria do Fundador da Obra da Rua e/ou de outros autores que sobre ele escreveram) também eles porventura desconhecidos (ou simplesmente olvidados). A título de exemplo, veja-se: *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo* (2015); *Raízes do Tempo. À volta de Padre Américo* (2015); e *Padre Américo. Notas sobre o Artista da Palavra. Das mortes e da Vida* (2016). Inscreve-se, portanto, neste último grupo o volume que aqui recenseamos.

Estruturalmente, o livro aparece organizado em quatro partes, pelo compilador designadas de «andamentos» (p. 13): uma breve “Nota” introdutória (p. 13-15) que o apresenta, esclarece o seu conteúdo e aponta o seu propósito; depois, um «Rascunho de um retrato (sempre) incompleto» (p. 17-30), onde Henrique Manuel Pereira retoma e “recicla” (cfr. p. 13), atualizando, algumas informações acerca da biografia de Padre Américo. Na segunda parte, temos o núcleo textual que justifica o volume e o seu título: precedidas também elas de uma «nota rápida, a propósito das relações da Obra da Rua com a censura» (p. 14), são aqui transcritas três cartas enviadas por Padre Américo a António de Oliveira Salazar, preservadas no respetivo arquivo na Torre do Tombo (Cota: AOS/CP-009, cx. 866, f. 201-215), em «circunstâncias e períodos diferenciados (1933, 1948, 1950) [e que] são testemunho da liberdade do seu autor» (p. 14). Aqui chegados, impõe-se uma palavra mais objetiva sobre o conteúdo e significado das mesmas.

A primeira carta, datada de junho de 1933 e enviada a partir do Seminário de Coimbra, e cuja publicação «não é inteiramente inédita» pois já fora «publicada e refletida “no essencial”, em *O Gaiato*», na sua edição de 2 de março de 2019 (cfr. p. 41, nota) é a resposta de

---

Padre Américo «ao Ex.mo Sr. Luiz Machado Pinto, enviando os esclarecimentos que posso dar da Sopa dos Pobres, mas receio nada poder conseguir, porquanto não tenho Estatutos nem escrituração» (p. 41). Com efeito, Padre Américo havia assumido a orientação da Sopa dos Pobres de Coimbra em 19 de março de 1932, e desde logo se viu forçado a lidar e dar resposta não só aos problemas (de gestão, organização e financiamento/sustentabilidade, entre outros) daquela resposta caritativa-social, como também às dúvidas e críticas que foram sendo levantadas e apontadas, certamente em razão do *modus operandi* algo incomum por ele por vezes eleito para resolver tais problemas. Não obstante, o Fundador da Obra da Rua, com a liberdade e liberalidade que o caracterizam (e que Henrique Manuel Peteira justamente sublinha), nem assim se deixa abater: regista, em sua defesa, o “quanto”, o “como” e o “porquê” de tais esforços (em parceria com outras instituições da cidade), recorda que «O “Correio de Coimbra” dá o movimento semanal d’esta Sopa dos Pobres» (p. 43), fazendo assim referência aos artigos que ele assina naquele Jornal, desde 2 janeiro de 1932, em coluna assim mesmo intitulada, e através dos quais como que “presta contas” da atividade e dinâmica daquela estrutura de apoio assistencial coimbrã que lhe coube por missão coordenar. A missiva finaliza com um desabafo-súplica final, bem ao seu jeito: «E já que a bondade de VExcia. me encoraja, ousou dizer, humildemente, que tenho gemido aos pés dos Grandes d’esta linda terra: – Gov. Civil [Dr. Joaquim de Moura Relvas, 1932-1933], [Dr. Fernando Baeta] Bissaya [Barreto Rosa], Delg.º de Saúde – a miséria da Quinta da Misericórdia à Conchada, para a qual não há tinta nem palavras que suficientemente a possam descrever» (p. 43-45).

A segunda carta, enviada já a partir de Paço de Sousa e datada de 7 de janeiro de 1948, é toda ela um lamento e um convite (em forma de “súplica”): através dela, Padre Américo reporta a Salazar o seu desalento por sentir «[...] há muito que não tenho agora da parte dos Ministérios, aquelas facilidades que antes gozava, nos negócios referentes a esta Obra. Sinto. Apalpo.» (p. 47). Por isso, e profundamente convencido de que só o contacto *in loco* poderá fazer dispersar tais nuvens que ele vislumbra a ensombrarem a sua relação com as autoridades governamentais, Padre Américo dirige-se a Salazar dizendo: «[...] não peço. Não convido. Suplico [sic] uma visita de Vossa Excelência aqui a Paço de Sousa, aonde o “escândalo” é maior, por ser a casa-mãe. Se vier de surpresa, melhor conhecerá a Obra. Se me não encontrar, mais me ficará a conhecer» (p. 47). Como que “despertando o interesse” para o que ali se poderá encontrar, o fundador da Obra da Rua relata a vida dentro daquela Casa do Gaiato de Paço de Sousa e das de Coimbra e Lisboa (Tojal), bem como da que levam os habitantes dos Lares do Porto e Coimbra; esclarece pormenores da “estratégia pedagógica” nelas adotada; aponta o “processo de reconversão” nelas levado a cabo, tudo feito com o objetivo de transformar o “Lixo” das ruas em homens de bem e valorosos artífices da sociedade. Define o seu jornal *O Gaiato*: «Chama-se e parece, mas não é um jornal. É um écran vivo, aonde passa todos os quinze dias, diante de vinte mil leitores, a vida inteira das nossas casas. A Presidência do Conselho recebe “O Gaiato”» (p. 54-55). A rematar, defende que uma visita de Salazar poderá bastar para que este fique a conhecer melhor a Obra... ou então bastar-lhe-ão os relatos de «Ministros e Subsecretários» (aponta os nomes de Cancela de Abreu, «então [Ministro] das Obras Públicas e agora Ministro do Interior», e do «snr. Dr. Bissaia» como fiéis testemunhas do que aqui ele descreve – cfr. p. 51). No fim, outro desabafo: «Se as antigas facilidades não

puderem ser reatadas, mais dificuldades para mim, menos eficiência para a Obra e sempre muito amor e devoção aos Sem Ninguém» (p. 55).

A terceira e última carta, igualmente enviada a partir de Paço de Sousa e datada de 28 de outubro de 1950, é uma espécie de (derradeiro) “bilhete-convite”, manuscrito, de Padre Américo a Salazar, para que este faça uma visita à sua Obra. Não sendo *ipsissima verba* de Padre Américo, é evidente que ele subscreve as palavras que narra ter ouvido «muitas, muitas e muitas vezes [...] da boca de visitantes – “Salazar já cá veio?” – de tão nacional que a obra é!» (p. 57). Aqui bebeu Henrique Manuel Pereira a inspiração para o título do volume e aqui encontramos igualmente o diapasão que nos permite orientar a escuta para o que nele nos é relatado.

Com efeito, tomadas em conjunto e registando o que de essencial através delas se conhece, é vasto o conjunto de temas, simultaneamente transversais e fundamentais à compreensão da figura de Padre Américo e da sua Obra, que a leitura do presente livro suscita. Entre estes, permitimo-nos apontar: a relação de Padre Américo (e, depois dele, dos vários Padres da Rua) com as diferentes autoridades e seus agentes (políticos, sociais ou outros), quer no plano institucional quer no horizonte das relações interpessoais; a questão do enquadramento e respetiva recetividade das mesmas autoridades e da restante sociedade diante da proposta assistencial protagonizada pela Obra da Rua no quadro da Assistência à criança abandonada e da sua (não)reintegração social; a vertente epistolar da obra-legado de Padre Américo, quer no que esta revela da sua biografia, quer no que através dela se poderá perceber no que respeita às dinâmicas administrativas da Instituição de que ele foi fundador e diretor até à sua morte. É certo que, mais do que propriamente esclarecer ou aprofundar a compreensão de algum destes assuntos, o presente trabalho de Henrique Manuel Pereira opta por registar e sinalizar (também pelo “silêncio da resposta” - «E tudo indica que Salazar foi “para o outro mundo” sem visitar a Obra da Rua» - p. 39) a pertinência, o interesse e a necessidade de tais aprofundamentos, porventura sempre e tão inacabados e incompletos quanto o “retrato” de Padre Américo também aqui proposto. Afinal, como nota o compilador: «A história é um imenso texto a solicitar contexto, segundo uma densa rede de referências, para que não se acordem ou suscitem ruídos» (p. 38) e, o que Henrique Manuel Pereira nos traz aqui, fundamentalmente, são três textos, que suscitam a evocação de outros tantos contextos, aqui não explorados (apenas “acendados”) mas que, sob esta luz e neste “tom”, nos aparecem com contornos melhor definidos. Vale, pois, o livro *in se* por isso mesmo: por permitir a leitura destas três missivas, pelos breves comentários introdutórios que lhe são apensos e pelas questões que uns e outros levantam (mais do que pelas respostas que nos oferecem).

A terceira parte do livro (p. 61-72) é constituída por cinco poemas dedicados a Padre Américo e/ou à sua Obra da Rua, de outros tantos autores (Cândida Ribeiro, 1953; Carlos de Vilar, 1956; Gomes da Costa, 1956; Moreira das Neves, 1958; Plácido Nobre, 1963), «tão-só a voz e a homenagem de uns quantos de nós. (Contributo para um volume ilustrado, apenas com poesia, dedicado àquele que foi “poeta das almas e mendigo de Deus?”)» (p. 14), muito à imagem do que o autor tem feito em outras publicações relacionadas com esta Obra e seus protagonistas.

Termina o volume (e, no dizer do compilador, o «términus da viagem») com «uma biocronologia e bibliografia, concebidas como instrumentos de poio à investigação» (p. 15). Não obedecendo nenhuma delas a exigências de exaustividade, ambas acabam por concretizar

---

dois interessantes exercícios de síntese acerca do que de mais relevante se sabe e se tem estudado acerca da figura e obra aqui em questão.

Muito interessante, portanto, este exercício de Henrique Manuel Pereira que, uma vez mais, na singeleza (e notório cuidado) da forma e na (relativa) “novidade” do seu conteúdo, nos brinda com mais um exercício de memória e de (apelo à) (re)descoberta de uma das múltiplas (e tão interessantes e importantes) facetas deste Homem e desta Obra incontornáveis do século XX português a que nunca será inoportuno regressar.